

## **A militância da narradora-personagem sob as camadas do conto *O papel de parede amarelo***

**Pricila Castelini**  
E-mail: pricilacas@hotmail.com  
Universidade Tecnológica Federal do  
Paraná, Curitiba, Paraná, Brasil

### **RESUMO**

Este texto apresenta uma discussão crítica sobre a condição e militância feminista da narradora-personagem, sem nome, no conto *O papel de parede amarelo* de Charlotte Perkins Gilman. O objetivo é analisar o contexto do conto e a vida da narradora-personagem em relação a alguns aspectos sociais e culturais da época. Trazendo discussões teóricas e críticas que retratam estereótipos de gênero e cuidado, em torno da medicina e biologia do ser mulher e das resistências da narradora-personagem por meio de relatos escritos. Sendo este um dos primeiros contos feministas escrito por uma mulher, que atuava na militância feminista. Por outro lado, trazemos discussões sobre a atualidade do conto, o qual retrata padrões de uma sociedade que ainda é opressora em relação às mulheres.

**PALAVRAS-CHAVE:** Padrão. Sociedade patriarcal. Narradora-personagem. Resistência. Escrita.

## INTRODUÇÃO

Com mais de “500 poemas, vários dramas, mais ou menos 675 artigos de ficção e mais de 2000 de não ficção” (Cynthia Davis, 2010, p. 12, tradução própria), em meados dos anos mil e oitocentos, Charlotte Anna Perkins Stretson Gilman (1860-1935), utilizava o nome Charlotte Perkins Gilman para produzir suas obras. O contexto de vida da autora envolveu um quadro de depressão, abandono pelo pai e criação pela mãe. Nos termos de Maylah Esteves (2017), Gilman esteve muito à frente de seu tempo, pois teve apenas quatro anos de educação formal e é considerada expoente na literatura, além de ser uma utopista feminista para a época, influenciou muitas mulheres de sua geração em relação a independência da mulher no contexto da sociedade patriarcal em que a mulher era criada com o objetivo de cuidar da casa, ambiente doméstico e da família.

A obra a ser analisada neste artigo é *O papel de parede amarelo* (1892), sendo a história que Charlotte a narra em primeira pessoa do singular, portanto, nesta história tem-se somente a versão da narradora-personagem. Sobre a escolha do conto *O papel de parede amarelo* como meio para discussão crítica neste artigo, destaca-se a relevância do contexto da discussão em torno do papel da mulher na sociedade. Em sua primeira publicação pela *New England Magazine (NE)*, em 1892, o conto teve uma repercussão em torno do contexto das doenças mentais e da insanidade. Em sua segunda publicação, na *Feminist Press*, nos anos 1970, contexto de diversos movimentos contracultura e movimentos feministas o conto repercutiu com outros vieses, em torno de análises das condições econômicas, sociais, culturais e de gênero que proporcionam a insanidade mental de diversas mulheres que não concordam com os modelos universais impostos pelo patriarcado. Charlotte Perkins Gilman é uma das obras “chave para se entender tanto a evolução da literatura de utopia quanto o próprio papel da mulher na sociedade” (SILVA, 2007, p. 2).

Apesar de ser escrito no século XIX, antes das manifestações dos movimentos feministas o conto pode ser considerado atemporal e atual, pois o mesmo teve diversas interpretações, desde aspectos relacionados à condição psicológica da autora, às condições econômicas, sociais, culturais, representações e valores das posições de sujeito privilegiados, entre outros. O conto *O papel de parede amarelo* possui diversos elementos a serem explorados, trazemos algumas discussões que apontam características de controle social, poder, aspectos que retrataram e ainda retratam comportamentos de uma sociedade patriarcal em que considera a mulher como menos capaz e também impossibilitada de agir conscientemente. Questionamos a temporalidade do conto, por este possibilitar diversas discussões que envolvem críticas ao papel da mulher que foi construído historicamente e culturalmente. O objetivo deste artigo é analisar o contexto do conto e da vida da narradora-personagem, trazendo discussões teóricas e críticas que retratam aspectos dos estereótipos de gênero e cuidado em torno das mulheres; da construção do pensamento médico e biológico em torno do ser mulher; e das resistências da narradora-personagem por meio dos relatos escritos.

### **A vida da narradora-personagem sob as camadas do papel de parede amarelo**

A autora narra a história de uma mulher sem nome, em primeira pessoa do singular, que é diagnosticada pelo marido e pelo irmão, os dois formados em

medicina, com uma suposta depressão e tendência a histeria. Autoras como Octavia E. Butler e Margaret Atwood também inspiradas por Gilman, escreviam utopias feministas, que esboçavam representações e questionamentos sobre o papel social das mulheres com narrativas que criticavam o eurocentrismo e racionalismo masculino, de acordo com Alexander Silva (2007).

Em seu quarto, a narradora-personagem relata suas vivências, pensamentos e o contexto de um casamento controlado pelo marido; tal casamento é reflexo da sociedade patriarcal. A narradora-personagem descreve com metáforas as angústias de sua vida aprisionada, inclusive como a escrita era o modo que ela encontra para se manifestar em oposição ao lugar em que vivia. Neste conto, a narradora-personagem descreve uma possível submissão forjada e sua revolta contra o marido, contra a sociedade patriarcal e o incômodo de estar em uma condição humana que não deseja.

Rita Santana (2018), discute o conto com foco na narrativa enquanto metáfora do estado da narradora-personagem. Nesta análise, Santana (2018) relata que este conto representa um diário no contexto de uma suposta depressão nervosa com tendência a histeria que a personagem passa. Neste contexto, o marido John, na posição de sujeito homem e médico, a obriga a um tratamento sem questionamento. No decorrer da história, a narradora-personagem relata que John zomba da sensação de estranheza que ela sente e sem interdições, a proíbe além de escrever, também de pensar.

Jonathan Crewe (1995, p. 274, tradução nossa), considera que o quarto, o papel de parede e contexto em que a narradora-personagem está presa “marca ameaçadoramente a história que ela não pode ler”<sup>1</sup>. Apesar do fato da narradora-personagem revoltar-se contra a terapia e o regime de poder que lhe é imposta, sua revolta é ‘imaginativa’. O autor ainda destaca que a narradora-personagem vivencia sua “imaginação em cativo” quando transpõem a existência de um padrão exterior (fora do ambiente da casa) com um padrão interior (dentro do quarto) em que a conecta com o papel de parede amarelo, o qual a aproxima e repele. Ou seja, a dualidade entre imaginação e vida, espaço em que ela encontra para resistir às imposições tanto do marido John, quanto da sociedade da época.

Esteves (2017), discute os aspectos psicológicos no conto e o contexto histórico da autora pela ótica de Michel Foucault. Neste artigo, a autora relata os aspectos da loucura que a narradora-personagem passa pelo enclausuramento em sua própria casa, além dos aspectos em torno da histeria, hipocondria e melancolia. O foco deste artigo é no quarto em que a narradora-personagem encontra-se em grande parte do conto. E neste quarto, ela descreve aspectos que envolvem o espaço físico e o tratamento da doença da narradora-personagem. Esteves (2017), considera a narradora-personagem como heroína, que se observa no papel de parede amarelo, enquanto esta isolada no quarto para seu tratamento. A narradora-personagem heroína nos termos de Esteves (2017), ao estar no silenciamento e isolamento de seu quarto rasga as amarras com o marido, com o irmão e com os controles da sociedade patriarcal, ao rasgar o papel de parede amarelo, é a liberdade que “então se reverte, pois o marido como autoridade matrimonial e médica, é o que reage com a atitude quase romântica frente do desmaio em face a algo que ele racionalmente não aceitaria: a esposa como parte do sobrenatural” (ESTEVES, 2017, p. 10).

A narradora-personagem relata que seu marido e seu irmão, ambos médicos, a consideram com histeria e por isso ela se convence que está realmente doente. Com essa doença, seu marido John e seu irmão a proibem de escrever. O contexto da discussão em torno da saúde da mulher tem herança da medicina egípcia, nos termos de Diana Maffía (2007). Às mulheres era associada a natureza úmida e sua saúde dependia da regulamentação menstrual e da frequência de relações sexuais, as quais eram essenciais para sua saúde, tendo em vista que por evidências médicas, os homens poderiam impor às mulheres obstáculos com suas próprias experiências corporais, de modo que reforçaria sua dependência emocional e física.

### Aspectos do feminismo no conto do século XVI

No período que antecede esse conto, entre séculos XVI e XVIII homens e mulheres “acreditavam que a doença era uma advertência divina” (DEL PRIORE, 2004, p. 66) nessa perspectiva, a autora escreve que a enfermidade era tratada como castigo por infrações e infidelidades ou como maldade do demônio. “Essa natureza propriamente feminina, ordenada pela genitália, transformava a mulher num monstro ou numa eterna enferma e, vítima da melancolia, seu corpo se abria para males maiores, como a histeria” (DEL PRIORE, 2004, p. 70). Este cenário de desconhecimento anatômico e fisiológico, perpetua o imaginário em torno da mulher por grande parte do século XVIII e XIX, que segundo a autora construía um saber masculino e um discurso de controle, em que “o homem ocupava lugar essencial na saúde da mulher, dele dependendo, exclusivamente, a procriação” (DEL PRIORE, 2004, p. 70).

Além do fato de ser diagnosticada pelo marido John e pelo irmão, com possível histeria e insanidade mental, a narradora-personagem passava pelo processo de ter sido mãe, portanto a gravidez e o parto também estão essencialmente relacionados com uma possível 'depressão pós-parto' e influencia no diagnóstico pré-estabelecido pelo marido e irmão. A narradora-personagem relata que não conseguia estar com seu filho sem se sentir nervosa, além disso, se culpa por não estar de acordo com os valores e padrões que associam às mulheres à maternidade e cuidados. Nos termos de Magali Engel (2004) era inadmissível a mulher ser contrária a ideia de ter filhos, pois a maternidade era vista como essencialmente da mulher, por natureza.

Outro tema de interessante análise neste conto é a posição de sujeito de John, homem, heterossexual e médico. O papel de privilégio de John compõe as esferas do privado e do público, pois a medicina está como um dos espaços de poder social e pessoal, além do fato de John ser o homem provedor do lar. A narradora-personagem, esposa de John, acredita em seu diagnóstico pelo contexto, visto que John é homem, é seu marido e é médico. Na obra de Thomas Laqueur (2001), o autor menciona como por meio da medicina se afirmavam diversas coisas, em que alguns sintomas traduziam diversas doenças, e que as mulheres eram facilmente associadas a histeria ou doenças psíquicas, pois era um dos mecanismos para exaltar a posição de sujeito masculino universal e submissão das mulheres. Neste contexto histórico, que Laqueur (2001) discute em seu livro, apresenta diversos contextos que afirmavam que ter pênis era um *status* e privilégio, o qual se torna ainda no século XXI, motivo de discussões e questionamentos, em divisões

desiguais em relação a direitos, acesso e a posições de grande prestígio, como cargos públicos e de alto poder aquisitivo.

A narradora-personagem relata com metáforas que não concorda com as ideias do marido John e do irmão e escrevia escondido para não os enfrentar. Neste trecho menciona: “ele é muito cuidadoso e terno, não me deixa dar um passo sem que eu siga uma direção específica” (GILMAN, 2010, p. 189). A narradora-personagem demonstra estar consciente criticamente sobre a relação de cuidado de John. Em outro momento do conto, a narradora-personagem relata outra experiência de ‘cuidado’ de John em relação aos hábitos dela, “de facto, ele pôs-me neste hábito, obrigando a que me deitasse durante uma hora, após cada refeição. É um hábito muito mau, estou convencida, porque, como estão a ver, eu não durmo” (GILMAN, 2010, p. 205).

O termo “cuidado” a que se refere no decorrer do conto relaciona-se com o ideal ético que Marília Carvalho (1999) traz em seu livro, como uma ação de agir moralmente devido a sua relação de cuidado estar associado ao cuidado médico de médico-paciente, mas na verdade, o cuidado que John tinha com ela, reforça uma visão universal de que o homem deve afastar a mulher do convívio social, principalmente quando trata-se de uma mulher de posicionamento forte, que não concorda com seus princípios, mas que apesar de resistir a seus olhos e cuidados, ela questionava-se por meio da escrita.

Nos modelos do patriarcado, encontra-se a irmã de John, e a narradora-personagem se compara com ela em um trecho do conto: “ela é uma dona de casa perfeita e entusiasmada, e não deseja outra profissão melhor. Acredito, plenamente, que pensa que foi a escrita que me fez ficar doente!” (GILMAN, 2010, p. 195). Neste trecho, considera que a profissão ‘dona de casa’ é uma característica que ela não possui e nem gostaria de possuir, pois em um tom metafórico descreve que a irmã de John não compreenderia o que significa para ela escrever e como essa atividade a liberta em vez de aprisioná-la ou adoentá-la.

Várias passagens do conto refletem os conflitos internos da narradora-personagem em relação ao contexto social e cultural da época. Apesar de a narradora-personagem não concordar com os modelos patriarcais, ela sofre crise identitária e neste trecho se culpa por não ser a ‘mulher ideal’ para seu marido

Estes problemas nervosos são extremamente deprimentes “(...) e continua seus relatos dizendo que seu marido não imagina o quanto ela sofria em não poder cumprir seus deveres”. Acrescenta ainda que queria tanto ajudar o John, dar-lhe descanso e conforto, e aqui estou eu, pelo contrário, já transformada num fardo! (GILMAN, 2010, p. 191, grifos da autora).

### **Resistência feminista por meio da escrita literária**

Um momento determinante nessa narrativa é quando a personagem traz o contexto da casa, do quarto e em particular do papel de parede amarelo, como espaço para questionar a relação de domínio do marido, o domínio da esfera privada a qual ela se encontra. Neste trecho: “para além do padrão exterior, as formas apagadas tornam-se cada dia mais visíveis” (GILMAN, 2010, p. 201). No

espaço do quarto, a narradora-personagem pensa sobre a sua condição de mulher, doente sob os cuidados de seu marido e de Jennie (considerada como criada/governanta no século XIX), quando começa a visualizar uma mulher no papel de parede amarelo.

Sob as camadas do papel de parede amarelo, a narradora-personagem descreve detalhes de sua divisão interior. Em um trecho ela descreve que

o padrão exterior mexe-se, de facto — e não admira! A mulher, por detrás dele, abana-o! Por vezes, há uma grande quantidade de mulheres, por detrás; outras, apenas uma, e ela rasteja rapidamente e o seu rastejar faz tremer todo o papel (GILMAN, 2010, p. 211).

Identificar que existe um padrão interior, por meio do papel de parede amarelo, com uma grande quantidade de mulheres, que vivem enclausuradas em um casamento imposto pelo contexto social, sem direitos de acesso e permanência e ainda compreender as injustiças, vivenciá-las e ter de fingir ser dócil e submissa é descrito constantemente por meio de metáforas pela narradora-personagem, sem nome, a qual utiliza-se de sua imaginação em cativo e seus relatos escritos para demonstrar que suas vivências não eram somente dela, mas de todas as mulheres, apenas por serem mulheres, dentro da sociedade patriarcal.

Quando a narradora-personagem descreve “acho que terei que voltar para detrás do padrão quando a noite vier, e isso é difícil!” (GILMAN, 2010, p. 217). Expõem as dualidades que ela enfrentava em fingir ser e agir conforme os modelos da sociedade. Nos termos de Evelyn Fox Keller (2006), é uma forma de política por outros meios, se a narradora-personagem não concordava com as imposições da sociedade patriarcal, a forma de resistência era por meio da escrita no espaço do quarto, e o papel de parede era o meio pelo qual ela se utiliza para ludibriar as imposições.

Essa mulher ‘presa’ no papel de parede se associa com a vivência dela mesma, ‘presa’ dentro do quarto e de seus pensamentos. Santana (2018), analisa que a narradora-personagem “projeta a sua interioridade no exterior”, ou seja, observa-se a si mesma, tem consciência sobre a autoridade do marido e obedece, desobedecendo. Neste contexto, a narradora-personagem utiliza-se do padrão interior (o ambiente do quarto) para manifestar sua resistência imaginativa. No padrão interior, Crewe (1995) descreve que ela consegue construir rupturas com o padrão exterior por meio da escrita.

John se surpreende com a atitude de sua esposa, pois acreditava que ela aceitava docilmente suas imposições. A atitude da narradora-personagem, de não agir conforme o esperado, para a sociedade da época e para a relação com o marido-médico-paciente era considerada como doente, por não se enquadrar nos “parâmetros normais” (SANTANA, 2018, p. 100) em comparação com a irmã de John, por exemplo, a qual era uma dona de casa perfeita, no entanto, sem aspirações.

A ação da narradora-personagem de arrancar o papel de parede, sendo este, as imposições de uma sociedade patriarcal que não reconhece pessoas que não se identificam com a norma, retrata que as brincadeiras dela com as palavras “*to-day*, *to-morrow* e *to-night*”. Intencionalmente, divide estas palavras, evidenciando os

termos *dia, noite e morrow*, que para além de dia seguinte, também significa o momento que sucede um evento” (SANTANA, 2018, p. 105).

### Considerações sobre a militância da narradora-personagem pelas camadas do papel de parede amarelo

Ao final do conto a narradora-personagem relata diversos aspectos do papel de parede amarelo, em relação ao cheiro, às personagens que compõem seu enredo e, em particular, descreve que o padrão exterior não se separa do interior, ou seja, para ela, a vida pública e privada estão completamente relacionadas e não se pode considerar uma sem a outra. Metaforicamente, ela descreve que muitas mulheres que encontram-se em sua história, presas no papel de parede, ou seja, no padrão interior (no espaço da vida privada, na casa), deveriam sair do espaço, tal como ela, rastejando por todo lado, como mecanismo de resistência dos padrões estabelecidos pela sociedade patriarcal.

Esses padrões, para a narradora-personagem, poderiam ser questionados por meio da escrita e do fingimento, em concordar com as imposições visivelmente, mas planejando sua fuga. A forma que ela escapa do padrão, é quando cria sua história, por meio do papel de parede amarelo. Quando escreve essa história, liberta as personagens e se liberta, arranca o papel de parede amarelo e é ‘descoberta’ por seu marido John, o qual desmaia quando vê a desobediência da esposa, em cima do papel de parede amarelo.

A história narrada por essa personagem, sem nome, em primeira pessoa, brinca com metáforas, “caminha do inconsciente para o consciente” (SANTANA, 2018, p. 106), passa pelo processo de uma suposta histeria diagnosticada pelo marido e irmão, ambos médicos, os quais a aprisionam em casa, sem tratamento específico. Além disso, neste contexto da história, o marido John escolhe a melhor alternativa, é ela ficar trancada no quarto, como uma estratégia de controle e ‘cuidado’. Desde o século XIX, a medicina era utilizada como estratégia para caracterizar como doença qualquer ação que fugisse à norma. Há diversas obras, como relata Laqueur (2001) em seu livro, que consideram o corpo da mulher como imperfeito e há pesquisas citadas por este autor, que identificavam a mulher como um homem invertido biologicamente e, por esta e outras razões, a mulher era considerada um ser humano inferior ao homem.

A narradora-personagem deste conto e a autora, Charlotte Perkins Gilman em geral, apresentam em seus escritos a representação da mulher na sociedade e, além disso, nos termos de Silva (2007) com críticas ao conceito de gênero estabelecido pelo patriarcado. Santana (2018) acrescenta que além da forma de resistência por meio da escrita, a narradora-personagem neste conto constrói a imagem de uma protagonista que demonstra obediência forjada para ser autônoma e livre de controle. Nos escritos finais, há uma “inversão hierárquica de papéis, quando se analisa a imagem dela a passar por cima do marido desmaiado, o dominador agora subjugado” (SANTANA, 2018, p. 107). Os relatos finais do conto evidenciam uma protagonista que consegue escapar do papel de parede amarelo, das imposições e passa por cima do marido John, o qual representa uma sociedade opressora em relação as mulheres.

O marido John, e seu irmão, sem nome, são considerados no contexto da época da obra, século XIX, como homens de confiança e, além disso, segundo

Santana (2018) como “autoridade médica”. Neste contexto, questiona-se sobre este acontecimento na contemporaneidade. Apesar de as mulheres terem direitos conquistados com o movimento feminista e implantados na Constituição de 1988 no Brasil, há mulheres que são dependentes do parceiro/marido (e não somente) são consideradas com menor autoridade no ambiente do lar, e também fora dele, no mercado de trabalho, por exemplo, em que diversas vagas de emprego são ainda destinadas a um gênero. O que significa ser mulher no contexto histórico, social e cultural do século XXI?

Às mulheres, a imagem representada neste conto, de cuidadoras do lar, de cuidado dos filhos, são ‘modelos ideais’ esperados pelo patriarcado. Gilman questiona esses modelos, que ainda repercutem em diversas esferas do século XXI. Retornar textos da literatura utópica do século XIX, como este conto, por exemplo, é também para identificar que diversos elementos questionados nos anos mil e oitocentos ainda repercutem no século XXI. Trazer o contexto da narradora-personagem, que se manifesta pela escrita, demonstra a importância dos textos acadêmicos que questionam veemente os padrões que foram e são instaurados no convívio social ao recusar um modelo que determine a vida de todas as mulheres, como a ideia de casar-se, ser mãe, cuidar do ambiente da casa.

A narradora-personagem acaba de ter filho no conto e este fato não é ponto de discussão em sua obra. Era (e ainda é?) transgressor uma mulher rejeitar a ideia de ser mãe e cuidar de seu filho/filha. Assim como é questionada a ideia das mulheres terem instintos maternos e, por esta razão, também terem dificuldades para ascender na carreira profissional em comparação com os homens. Para os homens, não é determinante ter filhos para o mercado de trabalho, mas para as mulheres é fator determinante e eliminatório, além de salários desiguais, entre outros estereótipos que marcam uma cultura e sociedade que ainda associa as mulheres à imagem perfeita a qual Gilman relata no século XIX.

Neste contexto, a narradora-personagem relata a quantidade de mulheres que estão ‘presas’ no papel de parede amarelo, as quais demonstram na contemporaneidade, as mulheres presas no convívio social, por serem mulheres. Com os movimentos de mulheres e contracultura alguns direitos foram estabelecidos, a partir dos anos 1970, mas o contexto histórico e social a qual Gilman relata em sua obra ainda não foram superados no século XXI. Em relação as mulheres terem os mesmos direitos, no contexto de reconhecimento no mercado de trabalho, de salários iguais e/ou maiores e de direitos humanos. Como descreve Maria Amélia Teles (2006) em seu livro sobre os direitos humanos das mulheres, “sem as mulheres os direitos não são humanos” (TELES, 2006, p. 10).

Em relação aos direitos humanos das mulheres, Teles (2006) descreve que havia (e ainda há) preconceitos e opressões contra as mulheres. E se na contemporaneidade, os direitos das mulheres ainda não são exercidos e respeitados em sua completude, nos anos 1892, época em que Gilman escreveu este conto, as agressões, controles, eram tratadas como questões privadas, e não sociais, em grande parte quem detinha o poder e controle da vida da mulher era o marido.

Por fim, o fato deste conto ser contado pela narradora-personagem, a qual é a narradora-protagonista da história, marca a subjetividade da história, de modo que a pessoa que lê a história vê apenas a visão da narradora, ou seja, não é possível saber sobre outro ângulo do conto, somente a percepção dela, a



narradora, sem nome. É uma estratégia que a autora se utiliza para que a história ocorra de modo que ela controla todos os personagens do conto e, além disso, conta a sua interpretação da história. Neste caso, trata-se de uma narradora onisciente nos termos de Waldomiro Filho (2006), ou seja, somente ela tem autoridade em descrever os fatos, as emoções e controlar a história e as percepções que ela tem das outras pessoas.

Nessa perspectiva, a narradora-personagem é heroína da obra, quando questiona os modelos impostos, conta sua própria história ocultando a percepção dos homens que a 'controlam', assim como é feito com as mulheres quando são silenciadas. Em sua "imaginação em cativeiro" Crewe (1995), por meio do papel de parede amarelo, resgata todas as mulheres que estão nas amarras sociais do padrão interior e exterior, que oprime as mulheres e as liberta para autonomia e para seguir os caminhos que quiserem, da forma que quiserem e serem consideradas e reconhecidas por seus feitos, independente da classe social, da raça e etnia.

## The narrator-character's militancy under the tale's layers *The Yellow Wallpaper*

### ABSTRACT

This text presents a critical discussion about the feminist militancy and condition of the narrator-character, unnamed, on the tale *The Yellow Wallpaper* by Charlotte Perkins Gilman. The objective is to analyse the narrator-character context and life in relation to some social and cultural aspects of the time. Bringing theoretical and critical discussions that portray care and gender stereotypes, in medicine and biology of being a woman who resisted through written reports. The tale is considered the first written by a woman who acted in feminist militancy. On the other hand, we bring discussion about the tale actuality, which portrays patterns of a society that is still oppressive towards women.

**KEYWORDS:** Standards. Patriarchal society. Narrator-character. Resistance. Writing.

## *La militancia del personaje narrador bajo las capas del cuento El fondo de pantalla amarillo*

### RESUMEN

Este texto presenta una discusión crítica sobre la condición y la militancia feminista de la narradora de personajes sin nombre en el cuento *The Yellow Wallpaper* de Charlotte Perkins Gilman. El objetivo es analizar el contexto de la historia y la vida del personaje narrador en relación con algunos aspectos sociales y culturales de la época. Trayendo discusiones teóricas y críticas que retratan los estereotipos de género y la atención, en torno a la medicina y la biología de ser mujer y las resistencias del personaje narrador a través de relatos escritos. Este es uno de los primeros cuentos feministas escritos por una mujer, que actuó en la militancia feminista. Por otro lado, traemos discusiones sobre el cuento actual, que retrata los patrones de una sociedad que todavía es opresiva hacia las mujeres.

**PALABRAS CLAVE:** Normas. Sociedad patriarcal. Narrador-personaje. Resistencia Escritura.

## AGRADECIMENTOS

Ao Programa de Pós-graduação em Tecnologia e Sociedade (PPGTE) e à CAPES Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil – Código 001, pelo financiamento da pesquisa.

## NOTAS

<sup>1</sup> Is ominously marked by a history she cannot read (CREWE, 1995, p. 274).

## REFERÊNCIAS

CARVALHO, Marília Pinto de. **No coração da sala de aula: gênero e trabalho docente nas séries iniciais**. São Paulo, Xamã, 1999.

CREWE, Jonathan. Queering the yellow wallpaper? Charlotte Perkins Gilman and the politics of form. **Ins Tulsa Studies in women's literatura**, Vol. 14, nº. 2. Autumn p. 273-293, 1995. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/pdf/463900.pdf> Acesso em: 04 set. 2018.

DAVIS, Cynthia J. **Charlotte Perkins Gilman: a biography**. Stanford University Press. Stanford, California. 2010.

DEL PRIORE, Mary. Magia e medicina na colônia: o corpo feminino. In: Mary del Priore (org.) **História das mulheres no Brasil**. 7. ed. São Paulo: Contexto, p. 66-97. 2004.

ENGEL, Magali. Psiquiatria e feminilidade. In: Mary del Priore (org.) **História das mulheres no Brasil**. 7ª. ed. São Paulo: Contexto, p. 270-303. 2004

ESTEVES, Maylah. O obscuro e a luz: “O papel de parede amarelo” de Charlotte Perkins Gilman. **Revista Diálogos**. Artigos livre, v5, nº1, p. 122-132. 2017. Disponível em: [periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/revdia/article/.../pdf](http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/revdia/article/.../pdf) Acesso em: 20 set. 2018.

FILHO, Waldomiro José da Silva. O autoconhecimento, o narrador onisciente, a vida comum. **Philosophos 11 Revista de Filosofia**. Ago/dez. p. 287-303. 2006. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/philosophos/article/view/4723> Acesso em: 20 set. 2018.

FOX KELLER, Evelyn. Qual foi o impacto do feminismo na ciência? **Cadernos Pagu** (27), jul-dez. p. 13-34. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n27/32137.pdf> Acesso em: 09 set. 2018.

GILMAN, Charlotte Perkins. O Papel de Parede Amarelo. Trad. de Manuel José Lopes. **Babilônia** - Revista Lusófona de Línguas, Culturas e Tradução, [S.l.], n. 04, dec. p. 184-219. 2010. Disponível em: <http://revistas.ulusofona.pt/index.php/babilonia/article/view/1741>. Acesso em: 03 set. 2018.

LAQUEUR, Thomas Walter. **Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud**. Trad.: Vera Whately. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

MAFFÍA, Diana. Epistemología feminista: la subversión semiótica de las mujeres en la ciencia. **Revista Venezolana de Estudios de la Mujer**. Caracas, enero-junio 2007. v. 12. nº.28. Disponível em:  
<http://www.feminismos.neim.ufba.br/index.php/revista/article/download/127/129> Acesso em: 10 set. 2018.

SANTANA, Rita. Que papel de parede? Uma leitura do conto “O papel de parede amarelo” de Charlotte Perkins Gilman. **Faces de Eva**. Estudos sobre a Mulher. Nº 39. Lisboa. Jun. p. 93-109. 2018. Disponível em:  
[http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0874-68852018000100009](http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0874-68852018000100009) Acesso em: 20 set. 2018.

SILVA, Alexander Meireles da. Utopia para quem? O desenvolvimento da literatura de utopia feminina. **Revista eletrônica do instituto de humanidades**. Nº XXI. Vol. VI. Abr-jun. p. 1-14. 2007. Disponível em:  
<http://publicacoes.unigranrio.com.br/index.php/reihm/article/view/354/339> Acesso em: 11 set. 2018.

TELES, Maria Amélia de Almeida. **O que são direitos humanos das mulheres**. São paulo: Brasiliense, 2006.

**Recebido:** 12/11/2018.

**Aprovado:** 03/09/2019.

**DOI:** 10.3895/cgt.v13n41.9049.

**Como citar:** CASTELINI, Pricila. A militância da narradora-personagem sob as camadas do conto O papel de parede amarelo. **Cad. Gên. Tecnol.**, Curitiba, v. 13, n. 41, p. 202-213, jan./jun. 2020. Disponível em:  
<https://periodicos.utfpr.edu.br/cgt>. Acesso em: XXX.

**Correspondência:**

Pricila Castelin

Avenida Silva Jardim, 337, Rebouças, Curitiba, Paraná, Brasil

**Direito autoral:** Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

